



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA**



JÉSSICA LIMA CASSIANO

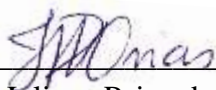
**ENCONTROS E DESENCONTROS NO ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**MAMANGUAPE/PB
2021**

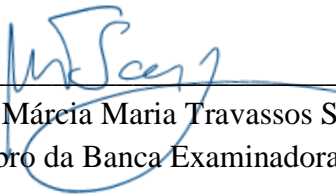
JÉSSICA LIMA CASSIANO

**ENCONTROS E DESENCONTROS NO ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

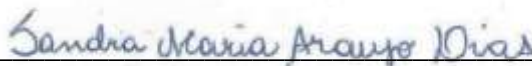
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



Professora Doutora Juliene Paiva de Araújo Osias – UFPB
Orientadora/Presidente



Professora Doutora Márcia Maria Travassos Saeger – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Professora Doutora Sandra Maria Araújo Dias – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Mamanguape/PB
2021

ENCONTROS E DESENCONTROS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Jéssica Lima Cassiano – UFPB – limacassiano@hotmail.com

Profª Drª Juliene Paiva de Araújo Osias – UFPB – julieneosias@gmail.com

Profª Drª Sandra Maria de Araújo Dias – UFPB – sandra@ccae.ufpb.br

Profª Drª Márcia Maria Travassos Saeger – UFPB – marciatsaeger@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho visa apresentar os desafios de docentes e discentes durante o processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa, no Ensino Fundamental II. Seu objetivo consiste em analisar as ações pedagógicas desenvolvidas pelos docentes, e a recepção dos discentes nesses procedimentos. Optou-se exclusivamente por um estudo Bibliográfico, devido ao momento crítico da pandemia do novo Coronavírus. Com este trabalho, esperamos despertar novos olhares para as práticas pedagógicas que são desenvolvidas em sala de aula pelos docentes de Língua Inglesa, com reflexões perante as informações que obtivemos durante as leituras. Como resultado, foi possível perceber que a Língua Inglesa possui uma posição muito importante no mercado educacional e do trabalho, mas os desafios são imensos na rede pública, onde faltam diversos recursos. Observamos, no entanto, que, na atualidade, os educandos conseguem compreender a importância que o uso da Língua Inglesa tem em suas vidas, possibilitando a aquisição e a compreensão de competências leitoras que os introduzirão num futuro promissor. Esse trabalho ainda despertou novas reflexões a respeito da carreira docente que se encontra em um cenário desvalorizado. Pensa-se que, enquanto o país não compreender que a educação é o meio mais viável para o desenvolvimento, principalmente no estudo de uma Língua Estrangeira, vai deixar de romper várias barreiras.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Desafios no Ensino de Língua Inglesa. Reflexões Educativas.

ABSTRACT

This paper aims to present the challenges faced by teachers and students during the process of teaching and learning the English Language in Elementary School II. Its objective is to analyze the pedagogical actions developed by the teachers, and the reception of the students in these procedures. We opted exclusively for a bibliographical study, due to the critical moment of the new Coronavirus pandemic. With this work, we hope to bring new perspectives to the pedagogical practices that are developed in the classroom by English Language teachers, with reflections based on the information we obtained during the readings. As a result, it was possible to realize that the English Language has a very important position in the educational and labor market, but the challenges are immense in the public network, where several resources are

lacking. We observed, however, that nowadays the students are able to understand the importance that the use of the English Language has in their lives, enabling the acquisition and understanding of reading skills that will introduce them to a promising future. This work has also aroused new reflections about the teaching career, which is in an undervalued scenario. It is thought that, while the country does not understand that education is the most viable means for development, especially in the study of a Foreign Language, it will fail to break many barriers.

Keywords: Pedagogical Practices. Challenges in English Language Teaching. Educational Reflections.

1 INTRODUÇÃO

Conhecer uma nova língua é bastante desafiador, principalmente quando as ferramentas educativas são reduzidas a livro e giz. É notório que o ensino público, em alguns casos, sofre bastante para oportunizar um ensino de qualidade para seus educandos, no sentido de que os recursos são minimizados. Seguindo este raciocínio, pusemo-nos a estudar os Encontros e Desencontros no Ensino de Língua Inglesa no Ensino Fundamental II.

Sabe-se que o ensino de línguas estrangeiras é muito desafiador para os educandos. Neste sentido, cabe ao docente ser um agente mobilizador para tornar o ensino mais atraente e dinâmico. Precisamos estar atentos diante dos desafios que ocasionam o desencontro dos educandos com a Língua Inglesa, pois a ausência de projetos que incentivam e estimulam o aprendizado em nossa vida educacional bloqueiam a possibilidade de progredirmos socialmente e profissionalmente, nesta área que é tida por muitos como elitizada.

Compromete-se, nesta pesquisa, com a finalidade de responder às seguintes questões: Como tornar o ensino de Língua Inglesa mais prazeroso para os educandos? Quais os impactos que o desencontro e o bloqueio educacional podem ocasionar na vida de um educando? Como a instituição vê e conceitua as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos docentes de Língua Inglesa?

Estudar uma nova língua não é fácil, requer comprometimento tanto do educando quanto do docente, é uma mão de via dupla, na qual ambos irão construir o conhecimento juntos. Estudos mostram que é possível explorar diferentes tipos de recursos didáticos que fazem parte do dia a dia de nossos educandos.

Neste sentido, é importante analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas instituições educacionais e desenvolver projetos e atividades que insiram de verdade todos os educandos sem distinção. Muitas vezes, as escolas só trabalham com atividades tradicionais e

com pouco recursos didáticos, de maneira burocrática, sem sentido pra os educados, surgindo, assim, o distanciamento para aprender uma língua estrangeira (inglesa).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Aspectos Sociopolíticos

Para identificar um pouco do contexto histórico do surgimento da Língua Inglesa no mundo, recorreremos a Silva e Nogueira (2014, p.3) apud Conrad e Fishman (1897) ao relatar que “o inglês é a língua nativa em 12 países, em 11 países é a única língua oficial, em 14 países é a segunda língua oficial e em 8 países possui algum status oficial”. Ela é subsidiada pela supremacia econômica dos países como língua materna que gerenciam e controlam a superioridade entre os países subdesenvolvidos. Vemos claramente que tal supremacia está inserida fortemente nas áreas financeiras, educacionais e tecnológicas. De acordo com Silva e Nogueira (2014, p.3) apud Ventura (1989, p. 36):

O inglês é uma epidemia que contamina 750 milhões de pessoas no planeta. Essa língua sem fronteiras está na metade dos 10.000 jornais do mundo, em mais de 80% dos trabalhos científicos e no jargão de inúmeras profissões, como a informática, a economia e a publicidade.

Em sua matriz, a Língua Inglesa foi precedida de preconceitos, quando os países cuja língua materna era esta não dominavam a economia mundial, só passando a ser compreendida como língua universal quando seus países dominaram economicamente o mundo. Diante das leituras de Silva e Nogueira (2014), compreende-se que, no Brasil, o pioneirismo da Língua Inglesa teve início por meio da família real no século XIX.

Atualmente, o Inglês é a língua oficial de 60 países, segundo The Language Club (2015), então, podemos deduzir que quatrocentos milhões de pessoas falam Inglês como sua primeira língua, e um bilhão e meio de pessoas falam inglês de uma forma mais ampla. Assim, inferimos que, em um grupo de cinco pessoas, pelo menos uma fala Inglês, e este fenômeno é configurado por ter a Língua Inglesa como a linguagem da diplomacia, do comércio, do turismo, e entre outros aspectos

De acordo com a InfoEscola (2019, historicamente, o Inglês originou-se da fusão de línguas e dialetos denominados de Inglês antigo que foram trazidos para a costa leste da Grã-Bretanha, por povos germânicos no século V. Sabemos que o desenvolvimento do inglês é dividido em três grandes fases históricas: Old English, Middle English e Modern English. Durante muitos anos, o inglês foi apenas uma língua muito falada e não ocupava o posto de

destaque que tem hoje. Aos poucos, estabeleceu-se e passou por diversas transformações. Podemos citar que as expansões marítimas e o colonialismo foram os percussores para difundir o idioma pelo mundo, que ganhou força no século XX, com a sansão dos Estados Unidos como potência mundial, pois seus falantes correspondem a mais de um quarto do produto interno bruto do mundo.

Conforme The Language Club, sabe-se que a Língua Inglesa é a mais procurada universalmente, até mesmo pelo seu poder aquisitivo que tange o mundo. Este posto é dado devido às condições políticas, econômicas e sociais, sobressaindo-se os países ricos perante os demais, ocupando, assim, o posto de “Língua Franca”.

Na grande maioria dos casos, é notório o quanto a diversidade cultural pode influenciar no contexto escolar de uma língua estrangeira. Durante muitos anos e até os dias atuais, mesmo que de forma reduzida, a Língua Inglesa ainda é tida como uma língua elitizada. Como futuros docentes, temos sempre que refletir a vida social e econômica de nossos estudantes, sem ser demagogos, mas sabemos que o poder aquisitivo influencia bastante na educação de uma comunidade.

Garcia (2016) corrobora que a educação é a arma fundamental para combater a alienação e as diferenças sociais, tornando o ser humano emancipado de suas escolhas. Ela tem um impacto enorme na vida do indivíduo e é por meio dela que se quebram os tabus de uma sociedade com uma visão arcaica.

A partir das leituras de Ferreira e Araújo (2018), Pontes e Davel (2016) e Silva e Nogueira (2014), discorremos que a relação professor-aluno é fundamental no processo ensino-aprendizagem de línguas, pois sabemos que é um componente curricular com diversos desafios, então, este elo diminui, de forma positiva, os conflitos decorridos de fatores externos, pois é primordial que a instituição escolar analise e respeite os conhecimentos informais que cada educando carrega consigo, inclusive, os conhecimentos relacionados a sua comunidade. Quando o educando é inibido, a aprendizagem é prejudicada. É nesse sentido que as relações interpessoais devem ser mais trabalhadas em sala de aula.

Não podemos negar a educação informal dos educandos, pois, ao fazermos isso, estamos dando abertura para uma educação bancária¹, como nosso mestre **Freire** bem suscita. Os

¹ Educação Bancária, segundo Ecoa apud Scocuglia (2020), para Freire, o termo “bancário” significa que o professor vê o aluno como um banco, no qual deposita o conhecimento. Na prática, quer dizer que o aluno é como um cofre vazio em que o professor acrescenta fórmulas, letras e conhecimentos científicos até “enriquecer” o aluno. Logo após a escola, os alunos “enriquecidos” serão replicadores daquele conhecimento adquirido.

¹ Mais informações disponíveis em <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/01/o-que-sao-a-educacao-bancaria-e-a-libertadora-formuladas-por-p-freire.htm>>

educandos não são *tabula rasa*. Todos nós, independente da comunidade em que estamos inseridos, somos seres dotados de conhecimentos, cabendo às escolas estimular e intercalar com os conteúdos específicos escolares.

Infelizmente, um dos aspectos mais impactantes para se estudar uma nova língua são os aspectos econômicos e cronológicos, em que os indivíduos na idade adulta encontram mais desafios. Porém, hoje, temos novas formas de nos preparar, a globalização é uma auxiliadora nesse processo de aprendizagem, e podemos encontrar, com facilidade, por meio da Internet, documentários, músicas, séries, aplicativos, entre outros instrumentos que contribuem bastante para o desenvolvimento de uma língua.

Conhecimento é abraçar o mundo das oportunidades, de modo que o educando participe, possibilitando uma consciência mais crítica e uma atitude ativa. Quando o estudante de uma língua estrangeira estabelece diálogo entre sua aprendizagem e o mundo externo, ele está interagindo, comparando, analisando, questionando suas teses, procurando possíveis e variadas respostas.

Ao recorremos a Ferreira e Araújo (2018), compreendemos que a instituição de ensino deve preparar o educando para as interações sociais que completam as atividades escolares. Não devemos nos fechar nos muros das escolas: a educação liberta, mas, no ensino de língua estrangeira (que é enraizado em diversas questões racistas), os indivíduos de menor poder aquisitivo não podem ser dotados de conhecimentos. Isso significa que devemos possibilitar aos educandos diferentes interlocutores de aprendizagens, com objetivos diferentes, organizados nos mais diversos meios educacionais, para circularem em variados espaços sociais, de maneira adequada à situação em que se insere o evento comunicativo.

2.2 A Docência é essencial para amenizar os desencontros no Ensino de Língua Inglesa

A docência é a profissão mais antiga e a menos valorizada, e os governantes não lhe dão o seu devido valor, seja na perspectiva social ou econômica. Sendo assim, o cidadão de território nacional precisa ter acesso à cultura, economia, entre outros aspectos. Logo, necessitamos de investimento maior voltado para a educação.

Para debater sobre formações docentes, Ferreira e Araújo (2018) explicam que se faz necessário o conhecimento do cotidiano escolar, observando suas diversidades e peculiaridades. Pesquisadores precisam conhecer a realidade das escolas, principalmente as públicas, as quais

abarcam a grande maioria da população deste país, analisando a natureza dos conflitos encontrados e tão discutidos por professores e alunos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira consistem em um documento de extrema importância que tem como objetivo guiar as ações docentes em sala de aula. Não podemos compreendê-lo como um currículo a se seguir, pois cada instituição de ensino deve construir o seu, devendo entendê-lo como um referencial para as atividades pedagógicas. Neste sentido, os PCN (1998, p. 5) defendem que o papel do professor é:

O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. [...] Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

Ao relacionar o trabalho docente com as demais profissões, recorremos a Tardif e Lessard (2009), que caracterizam a docência como um trabalho interativo, sendo as interações humanas dotadas de emoções e particularidades próprias de cada sujeito envolvido neste processo, sendo os mesmos capazes de construir e reconstruir o seu próprio conhecimento. Não há passividade ou depósito de informações, e sim debate de ideias, respeitando as diferenças.

Seguindo este raciocínio é que o ensino de Línguas Estrangeiras deve ir além, principalmente no ensino público, onde há diversos talentos a serem lapidados. Em algumas ocasiões, o docente é a ponte que interliga o educando ao mundo do conhecimento, caso a instituição de ensino não obtenha instrumentos que incentivem o ensino de Língua Estrangeira, em especial, a Língua Inglesa. O docente deve quebrar os muros que o impeçam de ir além. Geralmente, reflito bastante sobre meu Ensino Médio, pois o sonho de uma universidade não comungava com minha escola, mas sempre há um ser iluminado chamado “Professor”, que, mesmo diante das dificuldades, me dava aula extra em horário oposto. É este exemplo que carrego comigo. Embora as diversidades sejam enormes, cabe-nos, torná-las pequenas. Para mim, e acredito que para muitos, ser fluente em Inglês é um sonho que não há tamanho para expressá-lo.

Compreendo, portanto, que cabe ao profissional docente não se acomodar com os tropeços do caminho, em que as adversidades como a falta de: materiais didáticos, recursos tecnológicos, estruturas físicas defasadas e entre outros aspectos que podem ocasionar a falha no sistema educacional, com maus rendimentos escolares de todos envolvidos neste processo de ensino e aprendizagem, como também podem acarretar notas baixas no **IDEB** (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Estes fatos são o que ocasionam os discursos fatalistas

de que não podem fazer algo a mais devido à falta de recursos, conquanto sempre procuram um culpado para não executar tais tarefas ou desenvolver melhorias na rede educacional. O conhecimento não deve ser regado a pequenas doses, como bem explicitado pelos PCN, pois os currículos educacionais devem atender às diversidades apresentadas pela comunidade, com planejamentos flexíveis, que não sejam tão rigorosos, que sejam capazes de se readaptarem as necessidade que vão surgindo durante o percurso educacional, que esteja aberto para mudanças se necessário e que atendam à real importância sem camuflagens ou pinturas inacabadas que pincelam as duras realidades.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo efetivou-se por meio de uma pesquisa qualitativa, pois, segundo Martins (2008), “é caracterizada pela descrição, compreensão e interpretação de fatos ou fenômenos” (p.1). Em que o pesquisador terá comprometimento com a veracidade dos fatos a serem analisados e sequentemente interpretados com um olhar minucioso, sem discursos pessoais e interferências nos dados coletados. O pesquisador é apenas receptor-transmissor dos fatos, buscando condições necessárias e éticas para debater e explicar os fatos.

Devido ao momento que vivenciamos, a pandemia do novo Coronavírus, não foi possível realizar uma pesquisa a campo com sujeitos. Infelizmente, minha cidade vivencia o pior momento desse caos, inclusive, toda a família desta pesquisadora foi infectada, havendo óbito, inclusive.

Diante disso, veio a necessidade de uma pesquisa exclusivamente bibliografia, em que pesquisamos trabalhos científicos já existentes referentes ao tema, para nos apoiar no desenvolvimento e análise de dados do presente Trabalho de Conclusão de Curso.

Neste sentido, dispusemo-nos a contribuir para o desenvolvimento das práticas educativas, com ênfase nos aspectos que contribuem para a melhoria dos encontros e extinguir os desencontros no meio educacional, tendo por finalidade proporcionar um melhor desempenho dos envolvidos nesse processo.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Desafios enfrentados pelas Instituições de Ensino e pelos Docentes

É evidente que existem aspectos que são fundamentais para um ensino de qualidade: o relacionamento discente-docente juntamente com materiais didáticos adequados são essenciais

em todo processo. Mas sabemos que nem toda instituição de ensino apresenta uma realidade estrutural e organizacional adequada, muitas são precárias e tentam apenas sobreviver em meio às exigências do sistema educacional, em que muito se cobram aspectos quantitativos e se esquecem de cumprir com seus deveres efetivos.

Ao recorrer a Pontes e Davel (2016), compreendemos que, devido à forte influência americana no capitalismo mundial, a Língua Inglesa tornou-se o idioma hegemônico, surgindo, assim, um ensino tecnicista que prioriza apenas a mão de obra trabalhista, dificultando o ensino nas redes públicas de educação e estimulando o crescimento dos cursos de idiomas privados, capazes de construir um dialeto que, na rede pública, não aprende a fluência da Língua Inglesa. Infelizmente, é um discurso enraizado, pois as instituições públicas lutam para ensinar e cumprir com currículos e planos escolares que devem ser vencidos a cada período letivo. Além de existirem diversos fatores que não contribuem para um ensino de qualidade, como a falta de comunicação com a comunidade escolar, a falta de recursos didáticos, falta de interesse dos educandos e entre os aspectos administrativos que impedem o funcionamento de habilidades e estratégias que estão ligadas ao ato pedagógico. Há certos momentos em que a instituição de ensino encontra-se confusa, não se sabe ensinar para formar cidadãos aptos para as diversidades do seu dia a dia, ou se serão formados trabalhadores para funções que o mercado exige. Corroborando este pensamento, Ferreira e Juliano (2017) discutem que:

A Língua Inglesa faz parte do currículo básico no Brasil desde meados de 1940, quando o país estava em débito junto aos Estados Unidos e, nesse sentido, era necessário aprender a Língua Inglesa. Na década seguinte, o sistema educacional brasileiro obrigou-se a moldar as pessoas para o mercado de trabalho, com isso as disciplinas tornaram-se mais técnicas diminuindo assim o ensino de línguas no país. [...]

Seria fácil responder que a escola deve formar os dois tipos de cidadãos, mas as diretrizes curriculares divergem quando descrevem minuciosamente o papel do educador em sala de aula. Vemos que o documento oficial defende um ensino para a cidadania, porém não descarta os componentes curriculares que devem ser adotados em cada ciclo educacional, muitas vezes, gramaticais demais e, em outras, tecnicistas.

Ferreira e Juliano (2017) defendem que “A aprendizagem de língua estrangeira deve envolver as quatro habilidades: oralidade, audição, leitura e escrita”, pois são aptidões que irão contribuir fortemente para um indivíduo consciente e capaz de interagir com quaisquer situações antagônicas que surgirem no seu cotidiano, seja escolar ou social.

Segundo Ferreira e Juliano (2017), os documentos oficiais que tangem o ensino de Língua Estrangeira em nosso país prioriza, o ensino de gêneros textuais e, principalmente, o uso de diversos textos. Durante as atividades em sala de aula, sempre que me deparo com este

pensamento, me recordo quando lecionava no ciclo de alfabetização na educação do campo. “Ao pegar o livro didático para trabalhar o alfabeto ilustrado, me surpreendo com imagem de um morango, na qual as crianças não sabia que fruta era aquela. No momento tive um choque e um período de reflexão, pois damos muita atenção para os materiais didáticos e esquecemos da nossa realidade”. Mas o que este exemplo repercute com os textos defendidos pelos documentos oficiais? Bom, acredito que ecoa dentro de mim o símbolo e o significado, ou seja, não trabalhar o texto por si só, mas fazer uma ponte entre “o aprender e o eu”. Pensar e repensar como o educando se encaixaria neste gênero textual. A Língua Inglesa é muito difícil, principalmente sua oralidade, tanto para quem emite a mensagem quanto para quem a recebe. Para Ferreira e Juliano (2017), “O livro didático muitas vezes é deficiente nos aspectos culturais, já que privilegia os conteúdos gramaticais. Ao realizar uma análise percebeu-se que os exercícios não exigem outros conhecimentos do aluno além das regras gramaticais”.

Para Silva e Nogueira:

Portanto, para se ter êxito segundo o PCN (1998), é necessário lembrar sempre do papel formativo que língua estrangeira desempenha no currículo, refletir acerca da função social da língua na formação dos estudantes e também das limitações impostas pelas condições de aprendizagem. (Silva e Nogueira, 2014 p.5)

Nos dias atuais, lutamos incansavelmente na formação leitora, sabendo o quanto é difícil os adolescentes lerem, imagina uma leitura onde você se sente fora de todo contexto. Eu imagino que a leitura deve levar a uma criação imaginária, de modo que cada palavra direcione o leitor a outras dimensões.

Não podemos, entretanto, esquecer jamais que o ensino é uma mão de via dupla entre todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, pois não devemos procurar certos e errados, ao contrário, devemos refletir qual o papel de cada integrante nesse processo. O docente como auxiliador da aprendizagem possui o papel de analisar e refletir quais métodos e atividades devem ser adotadas para cada sala de aula, como também a capacidade de domínio com a Língua Estrangeira, depois que partimos para o papel do educando em sala de aula, observando quais são os objetivos que estes devem alcançar.

É importante salientar que a formação docente continuada da graduação consiste em elementos primordiais para o ensino de Língua Estrangeira. Em alguns momentos, são raros, mas encontramos alguns docentes com desvio de componente curricular, ou seja, lecionando componentes que não corroboram suas formações. É primordial pautar que a graduação específica oportuniza o docente interagir com a realidade do cotidiano escolar com consciência e firmeza em estudos científicos e práticos já vivenciados no período de estudo na graduação,

pois o mesmo tem experiência para lidar com eventuais casos relacionados ao meio escolar e, principalmente, com a Língua Estrangeira.

Questiona-se muito a figura e o papel do professor em sala de aula, julgando que o mesmo deve apresentar uma pedagogia diversificada que atraia os alunos, em que estes não se sintam atraídos para estudar uma Língua Estrangeira. Acredito que são muitos os desafios para serem enfrentados. Seguindo este raciocínio Silva e Nogueira (2014, p.14):

[...] Primeiramente, é fundamental ter consciência da realidade que o cerca, perceber e estar preparado para enfrentar os desafios de ser um professor de língua estrangeira, e diante das dificuldades e das adversidades ter um bom posicionamento como educador. Como profissionais comprometidos com a educação é necessário estar constantemente refletindo sobre suas práticas e estar disposto a fazer mudanças quando necessário, assim o professor assumirá não somente o papel de transmissor de conhecimento, mas o papel de educador capaz de exercer mudanças significativas na vida dos alunos.

De acordo com a Nova Escola (2011), para a rede pública de educação desenvolver um ensino de Língua Estrangeira de qualidade, deve focar na formação docente, com profissionais qualificados para o referido componente curricular, sem ocorrer o remanejamento de professores com formações diferentes do que se exigem, no intuito burocrático de apenas cumprir com a carga horária de trabalho. Quando vemos fatos como este citado ocorrendo nas instituições, percebemos que não há o zelo com o ensino e muito menos com os educandos. Durante muitos anos, existia a falácia de que ser fluente em uma determinada Língua Estrangeira era privilégio da classe elitizada do nosso país, pois existiam lugares que os “pobres” jamais alcançariam. Seguindo este raciocínio a Nova Escola (2011) discorre que:

[...] essa perspectiva respingou até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que defendem a aquisição das habilidades de leitura como foco da disciplina. O Inglês - Língua Estrangeira mais ensinada nas séries finais do Ensino Fundamental - tornou-se, assim, uma espécie de patinho feio do currículo. As décadas de descaso cobram seu preço nos rankings de proficiência em inglês. Em um dos mais recentes, organizado pela rede de idiomas Education First, o Brasil aparece em 31º lugar, entre 44 nações.

A partir de Ferreira e Araújo (2018) compreendemos que é inegável o quanto a introdução da Língua Inglesa no nosso país foi mal inserida, deduzo que os governantes da época sentiram-se obrigados a implementar na rede pública o ensino de Língua Estrangeira. É vergonhoso, mas, infelizmente, a realidade que encontramos nas instituições é apenas um déficit de muitos anos atrás. Não há, nem houve o cuidado pelo ser humano, ao tentar pelo menos escutar as vozes que fariam parte desse processo de educação, “professor-aluno”. Na maioria das vezes, tentamos apontar os erros, mas não nos posicionamos na busca de soluções.

A partir de Ferreira e Araújo (2018), refletimos que a ação docente é vista pelas instituições de ensino como a chave primordial, no processo de ensino aprendizagem, que suas práticas metodologias é o que norteiam suas ações em sala de aula, pois cabe ao docente sempre está à procura de sua formação profissional, como um incansável pesquisador que busca por novas estratégias e técnicas.

Para Pontes e Davel (2016), as instituições de ensino esperam que seus professores possuam formações de qualidades que sejam capazes de comunicar-se com seus alunos de forma atrativa e dinâmica, com metodologias que estimule o aluno a aprender o idioma. Refletindo a respeito dos conteúdos que serão adotados em sala de aula, diagnosticando se os mesmos suprem as necessidades de seus educandos, e quais técnicas devem serem adotadas para aqueles educandos com dificuldades de acompanhar os conteúdos administrados em sala de aula.

Durante toda leitura bibliográfica, é notório que existe o professor pesquisador, admirado por toda intuição de ensino e professor desmotivador, cujo é rejeitado por toda equipe, pois o mesmo não acredita mais em seus métodos e está totalmente designado, porém, o peso da responsabilidade recai sobre todos. Neste sentido é que as instituições de ensino devem organizar seus currículos de forma conjunta com toda comunidade escolar, para que todos saibam seus direitos e deveres.

Por fim, as instituições de ensino necessitam de um docente que tenha uma formação específica em Língua Estrangeira, que seja capaz de questionar sua prática e revisar suas ações pedagógicas. Comprometido com ensino, em que seja espelho para seus educandos quererem aprender sempre mais, em nosso cenário educacional não cabe mais um ensino tradicional que foca apenas em gramática e tradução.

4.2 A Sobrevivência de um Educando no Ensino Fundamental II, da rede pública

Conforme Pontes e Davel (2016), é notório que a Língua Inglesa, para ser inserida nos currículos educacionais do Brasil, os documentos oficiais que tangem a educação em nosso país defendem a importância de conhecer culturas diferentes além de correlacionar com sua língua materna, porém o grande desafio para o educando brasileiro é a prática desse idioma, que, ao sair dos muros da escola, não encontra lugares para exercício da mesma, sofrendo bloqueios para sua aprendizagem. Pois, em sua maioria, esses educandos não possuem condições financeiras e tecnológicas para o treinamento da língua, como também no seu seio familiar, não

há integrantes com conhecimento, ocorrendo o bloqueio da comunicação interativa e dinâmica. Ao avaliar sua importância, Silva e Nogueira (2014, p.5) defendem que:

A língua estrangeira vai exercer um importante papel no que se refere à formação da construção de cidadania por parte dos aprendizes, de acordo com os PCN (1998), ao analisar a língua estrangeira em uma perspectiva educacional é possível perceber os pontos positivos de estudá-la. De modo geral, o aprendiz ao adquirir o conhecimento relacionado a essa nova língua, aprende ainda mais sobre sua língua materna, seu funcionamento, e, além disso, contribui para que o aprendiz possa conhecer e apreciar a cultura de outros povos.

Ao refletir sobre a falta de interesse dos educandos de Língua Inglesa na rede pública, compreendemos que é um fato histórico, pois, na rede pública de ensino, é onde encontramos a camada mais pobre do nosso país, e, inicialmente, esta língua era prioridade da classe elitizada desse país. Diante as leituras da Nova Escola (2011) refletimos que, a classe trabalhadora braçal, cujos filhos que são integrantes dessa rede de ensino não conseguem relacionar o estudo da Língua Inglesa em sala de aula como oportunidades extras em sua vida social e profissional. Como também não obtiveram uma cultura familiar com essa língua, tornando mais um bloqueio para o ensino e dificultando as capacidades comunicativas.

Diante da leitura de Silva e Nogueira (2014), é importante salientar que muitos educandos acreditam que a Língua Estrangeira é um componente curricular que oportuniza novos horizontes na vida estudantil e profissional, um cenário bem diferente daqueles em que alguns educandos não expressam empatia pelo componente. Em alguns casos, podemos interligar que a tecnologia contribuiu bastante para esse novo olhar, por meio dos games, das séries, das redes sociais e, entre outros aspectos, tornando-se uma das línguas mais procuradas. Segundo Ferreira e Juliano (2017):

Informalmente os alunos relataram que julgam importante saber uma segunda língua e que a Língua Inglesa é a mais falada ao redor do mundo, sendo dessa maneira, primordial para conseguir uma boa vaga no mercado de trabalho. 30% dos alunos entrevistados no total de 37 alunos, julgam importante a aprendizagem da Língua Inglesa. [...]

A partir de Gabriel (2014), podemos compreender que alunos do Ensino Fundamental II discernem a importância de estudar uma segunda língua. No entanto, os da faixa etária de 10 anos não se correlacionam com o mercado de trabalho, aspecto esse que fica mais visível para jovens da faixa etária de 17 anos, aqueles que estão terminando o Ensino Médio e almejado o mercado de trabalho ou uma universidade. É importante salientar que, na pesquisa de Gabriel (2014), a grande maioria dos alunos relatam que é importante o domínio do inglês para “se comunicar com pessoas de outros países”.

Este é um fato muito comum nos dias atuais, quando os games *online* viralizam e ganham espaços entre crianças e jovens. A Internet é uma ferramenta poderosa quando usada da maneira correta, com objetivos e finalidades determinadas. Hoje também é comum os chats com pessoas de diversos países, que trocam experiências com o intuito de aprendizagem.

Para aprender uma nova língua, o indivíduo precisa mergulhar no universo do conhecimento, compreender todas as manifestações culturais, sociais e econômicas, pois são elementos primordiais nesse processo. Na maioria das vezes, o educando sente-se deslocado porque não consegue relacionar a cultura estrangeira com a sua realidade. Ferreira e Araújo (2018) afirmam que:

É relevante mencionar que é do lugar social onde os sujeitos se apropriam da língua estrangeira e onde o aluno fala fluentemente a língua do outro, à medida que o indivíduo é capaz de estabelecer relações entre as condições de produção de um discurso outro na sociedade.

Gabriel (2014) também desperta um olhar para o discurso de que aprender uma nova língua é mais interessante com pessoas nativas, no momento em que analisa os pesquisados e seus enfoques para se comunicar com outras pessoas. Realmente, analiso como um instrumento peculiar, mas não essencial, uma vez que bons professores qualificados e capacitados podem ocupar este posto.

Durante as leituras, é evidente que a língua Estrangeira é um componente curricular desafiador para os educando, entretanto acredito que podemos torna-lo mais prazeroso e dinâmico, o primeiro passo para este processo é respeitar as diversidades regionais, culturais e políticas existentes entre nossos educandos segundo os PCN (1998). Permitindo aos alunos ter acesso ao conjunto de informações educacionais que possam dialogar com sua cidadania, conhecer que cada indivíduo é singular e produtor do seu próprio conhecimento, pois a língua é uma libertadora de aprendizagem, ela é capaz de locomover o indivíduo para diversos lugares, abrindo a porta para o mundo das oportunidades.

Suponho que os alunos de Língua Estrangeira sejam mais participativos, fugindo daquele antigo estereótipo de imitar os nativos da língua, com repetições exaustivas de oralidade, como também não se prendam a gramática e tradução, pois é pouco eficiente, não atinge os objetivos traçados pelos os documentos oficiais de Língua Estrangeira, os alunos necessitam desenvolver os quatro eixos citados pela BNCC: oralidade, leitura, escrita e conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural.

É importante salientar que os educandos devem ter autonomia para sugerir futuras atividades em salas de aula, pois o olhar do educando é essencial neste artifício. Vemos o quanto

os jovens amam os games e o mundo tecnológico, trazer para sala de aula esses instrumentos que possam incentivar e tornar aprendizagem mais significativa.

Compreendo que muitas instituições não possui estruturas pedagógicas viáveis, que possam auxiliar na aprendizagem dos educandos, mais existem diversos meios que de forma simples podem ser excelentes atividades, como: Jogo da Memória, músicas, recorte de textos, grupos de apresentações de games, textos em quadrinhos, etc.

Para que os alunos não se desencontrem em seu caminho educacional, pois um método educacional errôneo é capaz de ocasionar bloqueios imensos na vida de um indivíduo, um grande exemplo é não querer mais voltar a rede de ensino, ocasionando a Evasão Escolar. O desencontro é evidenciado em alguns situações em que o educando não consegue compreender a metodologia apresentada em sala de aula pelo o seu docente, ele fica inibido e incapaz de se relacionar com o meio. Por isso que é necessário analisar e refletir os conflitos que possam surgir no meio educacional, com um planejamento menos rigorosos capaz de se reinventar a cada momento.

Entretanto, sabemos que a carga horária destinada para o ensino de Língua Estrangeira é pouca, necessitando de mais espaço para ampliar os conhecimentos dos educandos, como também a desvalorização do magistério, não incentiva os docentes, mas lembremos que somos os super heróis da educação, com pequenos recursos somos capazes de transformar a realidade cotidiana com aulas brilhantes, vamos tentar fazer dos desafios nossa grande meta, se possível for: planejar, replanejar, fazer, repetir e persistir. Para que nossos educandos possam ter um ensino de qualidade independente que seja na rede pública ou privada de ensino.

4.2 Conflitos e contribuições no Ensino Fundamental II

O Ensino Fundamental II é um dos níveis que comporta a Educação Básica do nosso país, inicia no 6º ano e se encerra no 9º ano. É uma continuação mais profunda do Fundamental I e a preparação para o Ensino Médio. O grande diferencial é que os educandos iniciaram com diversos professores, administrando individualmente cada componente curricular. É nesta etapa que se inicia o contado com a Língua Inglesa, na rede pública de ensino.

Como o ensino público não oferta a Língua Inglesa nos níveis anteriores do Fundamental II, é um grande desafio inicial para educandos e professores, pois é o primeiro contado que os educandos terão. Nessa fase, é muito importante que a coordenação pedagógica, junto com os professores de Língua Inglesa, possibilite um maior apoio, oportunizando momentos extraclasse.

Quando falamos em teoria e prática no Ensino Fundamental II de Língua Inglesa, qual preeminência devermos analisar? Durante um intervalo de tempo, venho analisando discursos entre a prática e a teoria. Recordo muito que, nos estágios de pedagogia, os docentes regentes de sala de aula sempre nos falavam: “A teoria é uma coisa, e na prática é outra. Isto era muito confuso na minha cabeça, até ler Pimenta (2011), “Estágio e docência”, Tardif e Lessard (2009), “O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interação humana”. Cheguei à conclusão de que se existia uma teoria, porque alguém se propôs a estudar e analisar aqueles fenômenos que a sociedade impõe. Então, toda ação docente é subsidiada de uma teoria. Pode ser que, no momento, não sabemos de qual, mas que existirá uma para explicar certos costumes didáticos, existirá, sim.

Um exemplo que posso citar foi quando estava lendo o RCNEI (Referencial curricular nacional para a educação infantil), tinha uma imagem de três crianças brincando: A estava suspensa, com B segurando os dois pés, e C segurando as duas mãos. E, em seguida, o texto trabalhava esse contexto. Eu fiquei chocada, e olhei para professora e disse: “Não acredito! É o que mais vejo na creche. Em seguida, minha professora respondeu: “Está vendo que a teoria não cabe naquele discurso?”

Hoje compreendo que há diversos desencontros na Educação Básica e, principalmente, no Ensino Fundamental II de Língua Estrangeira. Infelizmente, não me cabe apontar o dedo para os cursos superiores de Licenciaturas, acredito que o mais viável seria uma reflexão de forma conjunta de todo o sistema educacional. Porém, sabemos que a matriz formadora é a que carrega toda bagagem dessa óssea educativa.

Presenciamos, na pandemia, o caos com falta de formação adequada para ministrar as aulas remotas. Este aspecto só foi enxergado devido ao momento que estamos passando, ao contrário, não existiria preocupação. Mas o que será necessário para acreditarmos que o ensino de Língua Inglesa no Ensino Fundamental II precisa de novos olhares? Eu fico muito triste quando um educando da rede pública direciona-se para um curso de idiomas na rede particular: infelizmente, é uma realidade. Está indo à procura de algo que deveria ser ofertado na rede pública com excelência. Para compreender melhor o nosso posicionamento, recorremos a Ferreira e Araújo (2018, p.160):

[...] a qualidade do ensino de língua estrangeira nos cursinhos é muito superior ao da escola pública porque eles têm professores especializados, um ambiente favorável, e a turma é reduzida para que se possa alcançar os objetivos, além de outras características que contribuem para o bom êxito do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras; já na escola pública, as turmas são lotadas e a infraestrutura do local não contribui para o bom êxito do aprendizado do aluno, além da carência de aparelhos

tecnológicos e multimídias na instituição de ensino para que o professor possa elaborar uma aula mais dinâmica.

Pontes e Davel (2016) nos fazem refletir a respeito do posicionamento de um aluno do curso de idiomas e um aluno da Rede Básica de educação. No momento em que a busca do aprendizado tem pontos diferenciados, quando um educando se direciona para um curso de idiomas, analisamos que ele está à procura de algo a mais, que a Educação Básica não está suprimindo suas necessidades. Corroborando este pensamento, Pontes e Davel (2016) afirmam que:

[...] a perspectiva adotada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) que apontam para o ensino de uma língua estrangeira, e não de uma língua como segundo idioma. Essa também é uma diferença muito importante, pois reflete diretamente na maneira como o professor irá encaminhar o aprendizado, já que como língua estrangeira, a proficiência no idioma não está no foco do ensino.

Quando analisarmos os PCN, fica claro que a figura do docente carrega artifícios muitos difíceis, pois todas as mazelas do ensino recaem sobre ele. Não podemos negar que haverá diferentes profissionais com diferentes intencionalidades, mas não podemos esquecer que, para a Educação Básica, o componente curricular de Língua Inglesa não compete nada mais que estruturas gramaticais, e não é nesta rede de ensino que o educando se tornará fluente.

Ao ler os PCN, encontro muitas lacunas, as quais pedem uma formação para a cidadania e voltada para a comunicação da Língua Estrangeira, porém isso distingue a Língua Inglesa como qualquer outro componente curricular. Para haver uma comunicação efetiva, fazem-se necessários diversos instrumentos e métodos, e o primordial que destaco é respeitar a realidade dos educandos e procurar técnicas que possam subsidiar as indagações encontradas.

Pois, quando falamos em proficiência, remetemo-nos nas quatro habilidades que os educandos precisam desenvolver ao longo de seus estudos, o domínio de uma língua é a capacidade de sobressair em diversas situações do dia a dia, é a verdadeira práxis, tudo o que aprendeu posto em prática no seu cotidiano.

Pontes e Davel (2016) trazem um ponto que ainda não tinha percebido nas leituras anteriores: a responsabilidade do ensino é exclusiva do professor, esquecendo que o educando é chave primordial no processo de ensino e aprendizagem. Como também a postura de um educando nos cursos de idiomas é totalmente diferente do educando da Educação Básica. Legitimando este pensamento Pontes e Davel (2016) afirmam que:

[...] os alunos devem ter parte na responsabilidade de sua aprendizagem. Segundo o autor essa responsabilidade faz parte do processo de motivação durante o aprendizado de uma língua estrangeira. Ele utiliza o termo *agency* (agentividade) no qual o aluno também tem o poder de tomar decisões sobre o que será feito em seguida em sala de

aula, o aluno seria como o agente passivo de uma sentença. Se o aluno perceber que tem alguma influência sobre o que acontece na aula, ao invés de sempre ser instruído quanto ao que fazer em sala, ele estará mais motivado a participar da lição dada.

Seja qual for o ensino, necessita de esforços de toda a comunidade envolvida nesse processo, é muito fácil adquirir reponsabilidades para os educadores e as instituições de ensino, quando o outro lado da vertente não faz sua parte. Um ensino de qualidade requer empenho de todos. Para reafirmar nosso pensamento, Pontes e Davel (2016) apud Brasil (1998) suscitam que:

É válido lembrar que aprender uma língua estrangeira é um processo que exige dedicação. É um processo que não só envolve regras gramaticais e vocabulário, mas requer que o aluno compreenda as estruturas da língua, os contextos e especificidades das situações de enunciação, e seja capaz de desenvolver-se linguisticamente em diversas situações, dependendo dos seus objetivos e contexto de interação.

O Ensino Fundamental II, como qualquer outro nível da Educação Básica, requer atenção e mudanças, não nos cabendo velhos hábitos, porém solicitamos compreensão de todos. Seria de extrema importância que as instituições criassem projetos educacionais capazes de incentivar o ensino de forma interdisciplinar, que a Língua Estrangeira fosse capaz de se comunicar de forma interna e externa dos muros das instituições de ensino, não nos cabe o nosso tão velho quadro negro e giz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente, encontramos um cenário carente de muitos recursos, sejam eles instrumentais ou intelectuais. Refiro-me que, nos dias atuais, as licenciaturas ainda relatam discentes que entram e saem com o mínimo do mínimo de fluência na Língua Estrangeira estudada. Então, como esses futuros docentes poderão incentivar e trabalhar de forma dinâmica com seus educandos? É muito difícil apontar onde de fato estão os encontros e desencontros desse processo educacional.

Em alguns momentos, encontramos excelentes docentes e educandos desinteressados, em outras ocasiões, encontramos maus docentes e educandos com fome de aprender. Como encarar o olho do furacão? De fato, é intrigante esta peculiaridade, uma vez que há o velho discurso de que a rede pública sempre será dosada com pequenos paliativos, é o velho ditado de empurrar tudo para debaixo do tapete. Não corroboro este exemplo, mas é comum encontrar este problema na rede pública de ensino.

Existem vários recursos que podem ser explorados pelos docentes em salas de aulas, um grande apoio é a tecnologia que muitos jovens, adolescentes e crianças amam. As redes sociais, os games, as séries são exemplos de grandes aliados no processo de aprendizagem, basta serem explorados da maneira correta, com intencionalidade e funcionalidade.

É notório que as mudanças educacionais são moldadas de acordo com as necessidades e os aspectos contemporâneos da sociedade, hoje vemos que estudar uma Língua Estrangeira vai além do aprendizado, ela se torna um elemento diferencial no mercado de trabalho. Neste cenário, não cabem apenas aspectos comunicativos, mas aprimoramento e desenvolvimento das habilidades: ouvir, falar, escrever e ler. Com coerência e coesão.

Quando pensamos em um “Novo” professor de Língua Inglesa, recordamos que, nos dias atuais, não cabe mais um ensino unilateral, com ênfase no verbo TO BE. Necessitamos de agentes mobilizadores, capazes de compreender que o ensino rompe barreiras, que não precisamos de um poder aquisitivo para transformar o meio em que vivemos, pois temos a maior arma, que é a Educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: **Linguagens e suas tecnologias no Ensino Médio: Competências específicas e habilidades**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. BRASIL.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). **Língua Estrangeira. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto Ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERREIRA, Erasmo da Silva. ARAÚJO, Josefa Monteiro de. **Perspectivas e Desafios no Ensino de Língua Estrangeira na Escola Pública**. Revista Diálogos, Volume 2, Nº20, p.149. 2018

FERREIRA, Evelin Stefanie. JULIANO, Joyce Maria Maltauro. **Desafios na aprendizagem de Língua Inglesa no ensino fundamental**. Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia. Medianeira, v. 8, n. 16, 2017. E – 4829.

GABRIEL, Francisco Reynaldo Martins. **O ensino da Língua Inglesa na Percepção dos Discentes do Ensino Fundamental**. Monografia do curso de Especialização Fundamentos em educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, Universidade Estadual da Paraíba. Sousa-PB, p. 1-39. 2014.

GARCIA, Ana Catarina Mendes. **O poder de uma história : encontros e desencontros culturais**. Forum Sociológico, 2016. Disponível em: <<http://http://journals.openedition.org/sociologico/1406>>_Acesso em 16 de Maio de 2020

INFOESCOLA. **Origens da Língua Inglesa.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/ingles/origens-da-lingua-inglesa/>. Acesso em 23 de maio de 2020.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: Uma estratégia de Pesquisa.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NOVA ESCOLA. **É preciso ir além do ensino para inglês ver.** São Paulo, set. 2008. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/conteudo/2204/e-preciso-ir-alem-do-ensino-para-ingles-ver>>. Edição 243. 01 de Julho, 2011

PONTES, Vanessa de Freitas. **DAVEL, Marcos Alede Nunes. O Inglês na Educação básica: Um Desafio para o Professor.** Revista X, Volume 1, p.102-117. 2016

SILVA, Eliane de Oliveira da. NOGUEIRA, Viviane Braz. **Dificuldades na aprendizagem da Língua Inglesa no ensino fundamental em escolas do município de Humaitá.** TCC- Universidade Federal do Amazonas. Amazonas, p. 1-20. 2014.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Tradução de João Batista Kreuch. 5ª ed. Própolis, RJ: Vozes, 2009.

THE LANGUAGE. **Países que falam a Língua Inglesa e suas variações.** 20 de outubro de 2008. Disponível em: < <http://thelanguageclub.com.br/dicas/paises-que-falam-a-lingua-inglesa-e-suas-variacoestlc/#:~:text=A%20%C3%ADngua%20inglesa%20%C3%A9%20falada,Unidos%20e%20Jamaica%20falam%20ingl%C3%AAs!>> Acesso em 23 de maio de 2020.

UOL. **O que são a educação bancária e a libertadora formuladas por Paulo Freire?** 01 de dezembro de 2020. Disponível em: < <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/01/o-que-sao-a-educacao-bancaria-e-a-libertadora-formuladas-por-p-freire.htm>> Acesso em 08 de maio de 2021.